

## DISCURSO E COMUNICAÇÃO ESTRUTURALISMO II ESTAÇÃO ROMAN JAKOBSON

### META

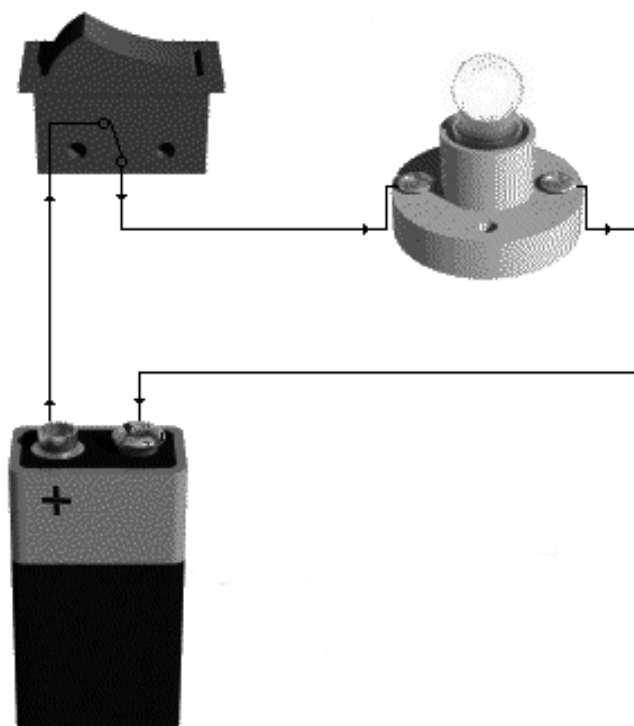
Apresentar o modelo comunicativista, que inclui, além do código verbal centro do estruturalismo saussuriano, visto na aula anterior, os chamados fatores de comunicação: emissor, receptor, mensagem, referente, canal.

### OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:  
compreender a abordagem comunicativista dos estudos linguísticos que, diferentemente dos estudos do discurso, tem o sentido como transparente/informacional.

### PRÉ-REQUISITOS

Conhecimentos básicos, adquiridos ainda no ensino médio, sobre as relações entre elementos da comunicação e as funções da linguagem.



A abordagem comunicativo-funcionalista entendia a comunicação (língua??) quase como um “circuito fechado perfeito”, desconsiderando a influência das relações sociais.  
(Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>)

### INTRODUÇÃO

Cara (o) Aluna (o), na aula passada, falamos sobre o código verbal, a língua, como a escolha do modelo saussuriano. Os trabalhos orientados pelo modelo comunicativista incluem outros elementos além do código verbal, os chamados fatores da comunicação: o emissor, a mensagem e o receptor. Incluem também o referente (o contexto, a situação de comunicação), o canal de comunicação (a voz, a escrita em livro, em revista, jornal ou manuscrito etc), o código: verbal ou não-verbal. Como vimos, em relação a Saussure, há uma considerável ampliação do objeto de estudos, mas junto a esse modelo vem um modo funcionalista para tratá-lo.

Do comunicativismo é importante compreender dois pontos teóricos trazidos a todos nós, escolarizados, como instrumentos de trabalho, mas que se transformam em duas limitações para a análise. Detalhemos esses limites.

**Os componentes da comunicação humana**

Como já vimos, a toda uma concreto e particular que determinado falante faz da língua chamamos ato de fala. Em todo ato de fala é obrigatória a atuação conjunta dos seguintes elementos da comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente.

Leia esta charge de Ziraldo e observe os componentes do ato de fala existente entre os dois personagens.

Nesse ato de fala:

- o **emissor** é o acidentado e aquele que diz algo a alguém.
- o **receptor** é o homem de óculos e aquele com quem o emissor se comunica.
- a **mensagem** é o texto ("Pobre só tem renda no dia de pagar imposto."); é tudo o que foi transmitido do emissor ao receptor.
- o **código** é a língua portuguesa; é a convenção social que permite ao receptor compreender a mensagem.
- o **canal** (ou contato) é a língua oral (som e ar); é o meio físico que conduz a mensagem ao receptor.
- o **referente** (ou contexto) é o doente reclamando da pobreza; é o assunto da mensagem.



Vários livros didáticos adotam a perspectiva comunicativista na análise da comunicação humana. A imagem acima foi extraída do livro *Português: linguagens – literatura, gramática e redação*, de William Roberto Cereja e Thereza Analia Cochar Magalhães (Editora Atual, 1994).

**RECONHECENDO UMA ABORDAGEM  
COMUNICATIVO-FUNCIONALISTA**

**OS EXERCÍCIOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Um primeiro limite para a análise é definido pelos exercícios de identificação de “tipos”. Isto é, apresenta-se um texto e a questão é saber: qual a função da linguagem nele preponderante?

É Jakobson (1971) que constrói um quadro de relações entre as funções da linguagem e cada um dos fatores da comunicação. Para ele, é a ênfase em um fator específico que determina a função da linguagem:

<b>Fator da comunicação</b>	<b>Funções da linguagem</b>
Referente ————— (contexto)	referencial  A função referencial da linguagem é centrada no referente, ou seja, a linguagem remete a uma realidade, um contexto, uma situação de comunicação, mas também, ao próprio texto.
Emissor —————	emotiva  A função emotiva ou expressiva é centrada em quem emite a mensagem, isto é, no próprio emissor.
Receptor —————	conativa  A função conativa está centrada no receptor. Quer dizer a preocupação da mensagem se volta fortemente para aquele que recebe a mensagem.
Canal —————	fática  A função fática está centrada no contato comunicativo. O estudo dessa função é dedicado aos dados e fatos que mantêm ou rompem a comunicação; o estudo dessa função revela nossa necessidade de comunicar. Por exemplo, falar por falar em um elevador: - Será que chove?!- É ... Tá quente! Não se pretende perguntar ou responder, mas manter ou romper a comunicação. A comunicação ou impedimento dela é que dirige a relação para o canal.

### Mensagem ————— poética

A função poética é centrada na mensagem. É o trabalho com a mensagem, seus signos, sua forma, sua estrutura que constituem seu (s) sentido (s). Basicamente, entram em jogo os significados e os significantes.

### Código ————— metalingüística

A função metalingüística é centrada no código. São os elementos que servem para explicar o código. É linguagem voltada para a própria linguagem. Nesse caso, os instrumentos lingüísticos, gramática e dicionário, são metalingüísticos por excelência.

É claro que todas essas relações, quando tratadas de modo específico, são extremamente relevantes, mas o fato de o percurso da abordagem se limitar aos tipos de função, ou seja, a uma atividade de reconhecimento, de identificação, isso acaba por transformar o estudo em treinamento. Ou seja, reencontramos o problema da metalíngua. Inseparável desse problema, um outro se verifica já na apresentação do esquema. O modelo considera que o que se diz coincide, ou deve coincidir, com aquilo que se quer dizer e o que ouvimos está sempre nessa mesma ordem de relação transparente. Dessa forma, o modo funcionalista de compreender esse modelo, como um circuito fechado perfeito, minimiza e exclui a complexidade das relações humanas. O problema “é o de pressupor que a linguagem humana possui a estrutura de um código e que há sempre mensagens preestabelecidas a codificar de modo perfeitamente definido a priori” (AUROUX, 1998, p. 41).

Além desse seu *Filosofia da linguagem*, particularmente, em que a crítica ao modelo comunicativista aparece no Cap. 1, *A linguagem Humana*, o filósofo Sylvain Auroux tem importantes trabalhos nessa área de interesse. Seu livro fundamental para diversos estudos é *A Revolução tecnológica da gramatização*, 1992. O autor coloca em destaque o aparecimento da escrita como condição para a reflexão sobre a linguagem. Os instrumentos lingüísticos – gramática e dicionário – são bases empíricas para a dominação do Ocidente em relação a outras culturas.

## ATIVIDADES

Selecione livros didáticos em que aparece o esquema da comunicação (tradicionalmente nos manuais da 8ª série e, principalmente, nos do 1º ano do Ensino Médio), observe como ele é apresentado, sua finalidade, utilidade etc. (ver, por exemplo, NICOLA, 1999).

## NOTINHA HISTÓRICA

Lembremos que o modelo passou a ocupar muito espaço no ensino da língua portuguesa. E isso se deu em sentido tão forte que chegamos à substituição do nome da disciplina nos livros didáticos: Língua Portuguesa por Comunicação e Expressão. Até o início desta década, o ensino (de leitura e de produção de textos) incorporou ao lado do esquema a discussão sobre novas tecnologias e comunicação. É importante notar que a abordagem comunicativista nos materiais didáticos leva a discussão para o “papel” dos meios, tendo em vista o aparecimento da microeletrônica, da informática e da Internet, do computador e da telefonia celular em nossas vidas.

Não é difícil observar que livros didáticos, provas de vestibulares etc. trazem uma crítica às “novas tecnologias”, uma crítica ao artificialismo nas relações humanas causado pela presença desses novos meios entre nós. Mas essa direção parece fortalecer a função dos meios em detrimento das relações específicas entre língua e linguagem. Ou seja, a apropriação que o ensino faz do modelo acaba limitando o trabalho teórico necessário para a compreensão do discurso. Mais recentemente, as propostas dos PCN (1997) ganharam terreno nos materiais de ensino, de tal modo que estamos vivendo o reinado das teorias bakhtinianas. Vejamos outro problema do modelo comunicativista.

## O “RUÍDO” E O CIRCUITO FECHADO

Um segundo limite é definido pelas práticas que identificam a presença de “ruídos” no processo de comunicação, ou seja, a identificação daquilo que “atrapalha” o funcionamento do circuito que é entendido como fechado.

É óbvio que o ensino, digamos assim, se apropria de apenas uma parte dos estudos, isto é, seu esboço geral. Vejamos o conhecido quadro.

Canal  
Código  
Emissor – mensagem – receptor  
Referente  
(contexto)

Como vemos, em relação ao modelo saussuriano, há realmente uma considerável ampliação do objeto de estudos. Mas há um modo bastante utilizado de aplicar o modelo que busca estudar a eficácia do esquema no

processo de relações de transmissão da informação. Esse modo de aplicar a teoria acaba por limitar a análise à estrutura do objeto.

A questão que aqui mais importa é o fato de que a vulgarização do modelo levou a uma limitação da análise. A comunicação humana é entendida como um circuito e a linguagem (ordem das representações) é tomada como elemento que está a serviço do funcionamento eficaz desse circuito. A língua aparece como um instrumento e o par emissor/receptor tem um papel pré-definido.

Um exemplo

Não são poucos os estudos dedicados aos chamados “ruídos na comunicação” que são interferências internas e externas ao processo. Esses trabalhos visam à eliminação daquilo que impede a eficácia no funcionamento do esquema. Nessa direção, um “mal entendido”, uma falha, um chiste (ver glossário), um desvio da norma padrão são trabalhados no sentido de que se evite uma nova ocorrência, porque ele interrompe o circuito da comunicação. Mas um erro pode abrir caminho para a compreensão de um saber que não sabemos que sabemos: o inconsciente. De diferentes modos, isso interessa ao estudioso do discurso (Box: os trabalhos de Jaques Lacan são referência para muitos trabalhos da Análise de Discurso (à francesa) ver o problema em, por exemplo, *O inconsciente é um saber* de Jorge, M. A. C. In: [http://www.estadosgerais.org/encontro/o\\_inconsciente\\_e\\_um\\_saber.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/o_inconsciente_e_um_saber.shtml).) Sabemos que em grande parte, a busca por eficácia, por eliminação de erros e de mal entendidos, é parte da história do ensino, mas simplesmente apagá-los significa apagar parte relevante de nossas relações que interessa ao estudioso do discurso.

Exemplo nosso

No início dessa aula, a evocação de nosso contato vem da seguinte forma: “Cara (o) Aluna (o)”. É certo que essa ordem provoca estranheza porque contraria o que está estabelecido: primeiro o homem, depois a mulher. É uma luta política por espaço significada na própria dimensão gráfica da escrita. Esse fato do ponto de vista interessado pelo discurso se mostra relevante, não para que evitemos o ocorrido, mas para que compreendamos seus efeitos de sentido. Ou seja, qual é o efeito que isso provoca em nós leitores? O chamado discurso politicamente correto vai justamente nessa direção em que são apagadas as contradições.

\*

Os trabalhos funcionalistas têm avançado, mas a vulgarização do modelo de Jakobson levou a uma concentração do interesse na mensa-

gem, ou melhor, na informação. E é daí que vem uma segunda importância desse modelo comunicativista para quem precisa compreender teorias do discurso. As relações entre a produção do conhecimento (as ciências) e as práticas sociais.

## O COMUNICATIVISMO A SERVIÇO DO GRANDE CAPITAL

Desde cedo, estudar a “língua do outro” fez parte de estratégias colonialistas, basta lembrar o empenho dos jesuítas na aprendizagem do “grego da terra”, o tupi, na formação do Brasil. Não é difícil reconhecer, desde já, que não há isenção por parte da ciência no que diz respeito à reprodução das relações sociais, das práticas sociais. As ciências não agem com neutralidade, elas são parte de relações de toda sorte: políticas, religiosas, sexuais, beligerantes, mas sobretudo, capitalistas.

Na sociedade capitalista contemporânea, a informação foi discursivamente transformada em “gênero de primeira necessidade” sem o qual não se pode passar e o conhecimento produzido em universidades é parte fundamental nesse processo. Essa indústria da comunicação é discursivamente construída como um poder institucional. Assim como o poder executivo, o judiciário e o legislativo, a “imprensa é um quarto poder”, o direito à informação é um Direito Constitucional. Em grande parte, o que torna essa transformação possível é o discurso. Basta observar em uma rápida pesquisa na Internet como esses enunciados: “A informação é gênero de primeira necessidade” e “A imprensa é um quarto poder” aparecem e são repetidos em larga escala. Pois bem, finalizemos esse ponto com a seguinte reflexão: a produção do conhecimento, no caso, a respeito da comunicação, não tem sido arrastada por interesses outros, muitas vezes, escusos?

## CONCLUSÃO

Estudar a comunicação humana, as relações entre fatores da comunicação e funções da linguagem, não deve ser um ato de identificação de funções pré-estabelecidas. Nossas relações são bem mais complexas. Apagar os erros, as contradições, para promover a eficácia do sistema, isso sim é que constitui um erro.



### RESUMO

Fundamentalmente, vimos que a abordagem comunicativista amplia o objeto de análise em relação ao corte saussuriano. Mas, se a abordagem se mantém na identificação de funções, nada se ganha em conhecimento. Vimos também que muitos trabalhos estão a serviço da eficácia da comunicação, da eliminação de erros e mal entendidos. Isso não é objetivo do estudioso do discurso. Ao contrário, é fundamental, para ele, compreender as contradições.



### ATIVIDADES

Vejam algumas definições para a palavra discurso que aparecem no dicionário Aurélio (1999).

Discurso.

1. Peça oratória proferida em público ou escrita como se tivesse de o ser.
2. Exposição metódica sobre certo assunto; arrazoado.
3. E. Ling. Qualquer manifestação concreta da língua. [sin., nesta acepção.: fala e (fr.) parole]
4. E. Ling. Unidade lingüística maior do que a frase; enunciado, fala.
5. Ant. Raciocínio, discernimento.
6. Fam. Palavrado vão, e/ou ostentoso: “nada de discurso, vá direto ao assunto”.
8. Fam. Fala longa e fastidiosa, de natureza moralizante: “toda vez que chega tarde o pai faz-lhe um discurso”.
9. Liter. Qualquer manifestação por meio da linguagem em que há predominio da função poética: “o estatuto americano dos textos borgianos não invalida o fato de ele pertencer ao discurso do sistema cultural universal” (p. 690).

Tendo em vista essas possibilidades, entre outras, faça uma pequena pesquisa a partir de buscadores da internet (Google, UOL) recortando e colando realizações da palavra discurso em diferentes contextos. Por exemplo, contextos políticos, acadêmicos, religiosos etc. Para isso, claro, é preciso cercar a palavra de outras (discurso, senado brasileiro; discurso, ciência, conhecimento). Em seguida, faça comentários por escrito procurando informar os sentidos de realizações da palavra discurso. Por exemplo, no texto O discurso do papa (disponível na plataforma), a palavra discurso.

Chiste. Piada, pi-  
lhéria, gracejo.



## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa (sec. XXI). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, A. C. F

LACAN, J., Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In; **Escritos**, p. 276.

LACAN, J., A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In; **Escritos**, p. 526.

NICOLA, J. **Língua, literatura e redação**. 12 ed. v. 1/2º grau, Editora Scipione, 1999.

Sites

[http://www.estadosgerais.org/encontro/o\\_inconsciente\\_e\\_um\\_saber.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/o_inconsciente_e_um_saber.shtml)